

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 19 de Fevereiro de 1983 • Ano XXXIX — N.º 1016 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Setúbal

Num esforço de esperança e de fé na Igreja viva, muito pedi ao Menino Jesus que tivesse pena dos meus meninos e nos enviasse, como presente, uma mãe carinhosa para eles.

Ninguém apareceu! Surgiram sim — e continuam quase diariamente — muitos pedidos para crianças sem amparo familiar. Logicamente as portas estão fechadas. Digo que não, que não tenho quem me trate deles e irei respondendo negativamente até que a escuridão seja banida pela Luz de alguém que responda ao chamamento de Deus.

Não acredito que o Espírito Santo tenha sono, cansaço ou esgotamento:

Deus continua a bater à porta de muitos corações, mas a aventura de ser mãe celibatária mete medo às mulheres cristãs do nosso tempo. É capaz de, o grande obstáculo, ser somente o medo!... Pois a experiência não é tão inédita, como, à primeira vista, parece.

Será muito escôndida, isso sim, como é próprio dos grandes rasgos.

Provamos que o mundo cristão está muito mais aberto à partilha dos bens materiais que dos bens da Vida.

O período natalício trouxe-nos lembranças de muitas partes do Mundo e do País, mas centralizou, como é natural, o seu afluxo em Setúbal.

As rouparias estão cheias de roupa de todos os tamanhos e fins, e já distribuimos, também, para onde sabemos haver necessidade dela.

Veio igualmente calçado, e eu fui à fábrica comprar, por forma que todos receberam sapatos novos na sua prenda de Natal.

Os trabalhadores, de várias empresas, organizaram-se em cotização geral, como vai sendo, felizmente, costume, partilhando connosco o subsídio da época.

Cont. na 3.ª página

Em Seu misterioso amor pelos homens que O faz achar delícia viver no meio deles, instituiu o Senhor modos de presença — sempre real, que a Sua palavra não é figura de retórica! Sempre real... desde que os homens ponham as condições válidas para Ele Se tornar presente.

De um destes modos — aquele que, porventura, é dos mais acessíveis ao homem que identifica a sua vida com a realização de um projecto de Deus — está escrito: «Onde dois ou três se reunirem em Meu Nome, Eu estou aí».

Estar ali significa, com certeza, um compromisso com os homens que ali estão reunidos para um fim. Se foi em Seu Nome que se reuniram, é que procuram a Verdade. E a Verdade é Ele — está ali. Se, frágeis como são, tateiam o caminho para chegar a Ela, Ele é o Caminho — está ali. Se, prisioneiros que são da morte, os move ansia da Vida, a Vida é Ele — está ali.

Se em Nome de Jesus se reuniram, como é possível que os homens não atinjam tão salutares desígnios, tendo consigo o Senhor do impossível?! Ou será que, em verdade, não estão reunidos em Seu Nome?!...

A Vida é o Fim último; mas também o Princípio, a Fonte de toda a energia indispensável ao caminhar em busca da Verdade. E a Vida é Amor: amor de Si-mesmo, o amor necessário que constitui um só Deus em três Pessoas; e o

PRESENÇA

amor gracioso que Deus tem às Suas criaturas. Se em Deus o amor tem uma dupla dimensão — como não há-de tê-la no homem?! Não basta, pois, ao homem a justiça de dirigir a Deus a retribuição do Seu amor; senão que há-de fundá-la sobre um acto de fidelidade ao querer divino: o amor aos outros homens porque Deus os ama.

O amor no homem está para o amor em Deus como a imagem num espelho plano para o seu objecto: necessário ao homem é o amor aos homens, para que Deus o assuma graciosamente e o receba como dom do homem. A componente vertical é sempre da ordem

da Graça: Graça que Deus dá; Graça a que o homem corresponde. A horizontal, sempre necessidade da própria essência dos seres: Deus é Amor; o homem, imagem de Deus-Amor.

Esta é a ideia — fixa, me apetecia chamar-lhe, se não fora um certo sentido pejorativo da expressão, de que não é fácil libertarmo-nos — que S. João desenvolve em toda a sua 1.ª Carta, especialmente nos capítulos terceiro e quarto. Da premissa do amor de Deus ao homem, supremamente manifestado no Dom de Cristo, logo o Apóstolo conclui o dever

Cont. na 3.ª página

UM RECADO aos Assinantes de «O GAIATO»

Nem todos os Leitores de O GAIATO sabem como funcionam os serviços do jornal — já a caminho dos 30.000 Assinantes! É evidente, não usamos técnicas sofisticadas; mas, dentro das nossas limitações, procurámos um método acessível: O ficheiro é ordenado alfabeticamente, de A a Z, conforme os nomes referidos no acto da inscrição. Temos outro ficheiro disposto pelo número d'inscrição, de um em diante. E as chapas dos endereços — marcados nos jornais — são divididas por códigos postais, por localidades, para mais rápida e eficaz distribuição de O GAIATO pelos CTT. Aqui também — por conveniência de serviço — em cada um dos códigos elas são arrumadas pelos números d'inscrição.

Há um mínimo de organização!

No entanto, pela complexidade da nossa Obra e porque nem todos os nossos Amigos conhecem esta orgânica, nem sempre é fácil o serviço de ficheiros — e vamos dizer porquê: Há Assinantes que se inscreveram com o nome completo e, depois, referem o nome abreviado; ou vice-versa. Outros, é o marido que escreve,

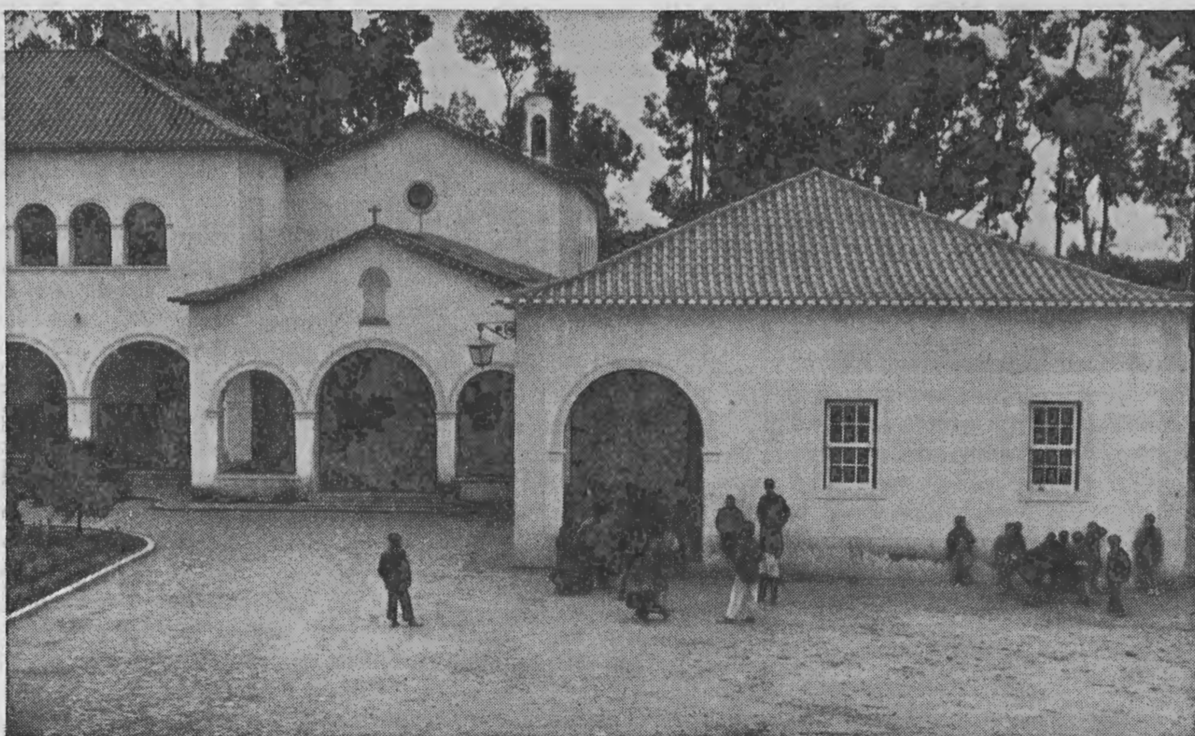
mas esquece dizer que o jornal vai em nome da esposa; ou vice-versa. Neste aspecto, acontece o mesmo entre irmãos, tios, sobrinhos, primos, avós... Resultado: por mais voltas que a gente dê — são quase 30.000 Assinantes! — não é fácil topar a ficha; pior ainda se o Assinante reside em grandes zonas urbanas.

Além disso, há Amigos que, por vezes, oferecem importâncias escondendo a mão e o nome — consoante as Escrituras; seja por carta ou directamente aos nossos Pais, aos vendedores de O GAIATO, em nossas Casas, e essas verbas — como é óbvio — não podem ser lançadas na respectiva ficha d'assinatura.

Pelo que acabamos de expor, pedimos encarecidamente aos nossos Amigos que tenham a bondade de nos indicar, sempre, o seu nome e o número d'assinatura tais quais vão marcados no endereço do jornal. Não é difícil e muitos já seguem esta pista: recortam o seu endereço do cabeçalho de O GAIATO e mandam-no junto à carta ou colado no postal.

Onde todos ajudam nada custa!

Júlio Mendes



Num esforço de esperança e de fé na Igreja viva, muito pedi ao Menino Jesus que tivesse pena dos meus meninos e nos enviasse, como presente, uma mãe carinhosa para eles...

Palas Casas do Gaiato

Noticias da Conferência de Paço de Sousa

Quem nos dera ser poeta para adoçarmos os quadros negros que, dia-a-dia, topamos em uma sociedade dispersa, em correria louca, esquecendo na hora própria aqueles que precisam! E descamba tudo sobre os recoveiros dos Pobres (onde os haja...) — como tábua de salvação!

Ela estava deprimida, com uma filha nos braços:

— Tenho quatro: dois rapazes e duas raparigas.

O homem, quando pode, trabalha num empreiteiro. Ganha o salário mínimo para a renda de casa, alimentação, remédios, etc. Mas está doente há muito tempo.

— Veja se nos acode! Ele quer ir trabalhar sem poder... Temos dívidas... E, se for, não tarda a ficar outra vez com baixa...! Veja se nos acode! Não tenho que dar os meus filhos...!

Cruzar os braços!?

Aqueloutra mãe de oito filhos, cujo marido adoeceu há mais de um ano, entregámos algo para a mesa.

— Olhe como somos tantos!...

— Um mundo de gente! Um ror de malgas!

— E ter de pôr a mesa todos os dias...!

Alguns destes inocentes pouco diferem doutros que sofrem morte lenta noutras bandas! Nem um sorriso nem uma traquinice! Marcados pelo subdesenvolvimento!

Mal refeitos desta visita domiciliar, somos abordados por uma moça cujo pai é devorado pelo álcool — e toda a família sofre as consequências! Já na idade, quereria organiza-



Filipe José, Filho de Manuel António e de Rosa Maria, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

zar o seu lar; mas, segundo afirma, «não consigo casa». E ainda bem! A moça avança um pouco mais... E parece reconhecer, por fim, como seria loucura dar um passo tão importante na vida — se o noivo ainda tem de cumprir serviço militar...!

Pessoa amiga — e visitante assídua que partilha com os Pobres — ficou «impressionada» com o relatório de 1982, publicado n' O GAIATO. E também, pelo que ficou por dizer. Nós, idem! Só acrescentámos: Apesar de e até por causa das nossas limitações, resta-nos dar graças a Deus — penhor da nossa acção junto dos Pobres.

Mais: A Viúva que já recebeu 50 contos dos nossos leitores para materiais da nova moradia viveu, entretanto, um leve desassossego... Assentámos, então, num critério de bem-comum que exigiu esforço hercúleo. Parece estar agora mais tranquila.

— V. botem-nos a mão! Não sabemos nada de nada destas cousas...!

São Pobres!

— Inté Março — continua — o senhorio quer a chave da casa onde nasceram os meus filhos. Ospois, se não fosse esta, onde é q'a gente ficava!? O luar?!...

Continuam esmagados pela loucura em que se meteram! Bem ou mal — não importa agora... — os Pobres são obrigados a suprir o que outros não fazem nem farão tão cedo, com vista à sua dignidade e promoção social!

Perto da Viúva, outra família de Autoconstrutores muito unidos, com o cinto apertado, mãos gretadas, sem tempo de perder tempo, ansiosos por chegar ao fim da obra! Estado d'alma específico destas acções, temperado de Fé e Esperança, virtudes teológicas que são lição prática para o comum dos mortais!

— V. já ajudaram... Mas é tudo tão caro! O q'a gente ganha não dá p'ra s'estender... 'tão a ver: lá vai mais uma bolada na caixa! A gente não aganta!...

Implantada num grande declive, a moradia tem a floresta como pano de fundo. No resto, é um tapete de verdura recortado por ramadas de vinho verde. E as águas do ribeiro deslizam, em força, pela colina, até ao vale que as retém para matar a sede dos campos, de vários consortes, antes de se juntarem ao caudal do rio Sousa.

Embrenhados na paisagem — que foi poiso dos nossos Maiores e estímulo à sua projecção — iam escutando amarguras, desabafos, a epopeia dos Autoconstrutores, cuja acção está na transcendente linha doutras, por mãos doutros, que fizeram o País que somos. A verdade é que só quando se abrir os olhos da alma para os que — anonimamente, no silêncio dos campos, longe do barulho das grandes urbes — realizam um pouco do muito que falta, só então mais claro será o horizonte, porque mais lusiada, mais portuguesa — e mais cristão!

PARTILHA — Rua da Boavista, Porto, 200\$00. Cheque de Mortágua: 2.000\$00. Fundão, a remessa habitual: 1.000\$00. Mãgallinha de Oeiras e um hino ao Senhor nosso Deus:

«Ainda muito doente e depois de duas operações no espaço de 22 dias e também das previsões serem de 24 horas de vida, cá me encontro no meu lar, ainda de cama.

Quis Jesus e Seu bendito Pai que eu melhorasse — e me salvasse. Dou-lhes graças a todo o momento. Foi um verdadeiro milagre!»

Assinante 6205, de Portela de Paula, 350\$00. Rua das Andorinhas — que não tardam a anunciar a Primavera! — 500\$00 «pelas almas do Purgatório». Votos cristãos!

Remessa de Mem Martins e outra, muito delicada, de Alvide — Cascais. Visitante assídua, do Porto, pousa em nossas mãos 500\$00. O dobro da Rua Sá da Bandeira, V. N. Gaia, «para a Conferência» e «pelo bem que me concede a leitura do nosso queridíssimo O GAIATO, o único que leio com prazer e emoção — tão fundo nos fala!»

Rua 20, em Espinho, cheque «de seis mil escudos — minha contribuição para a Conferência de S. Vicente de Paulo». E continua: «Envio já a contribuição de seis meses para ser mais fácil». Que bem!

Um cheque, de Coimbra, para O GAIATO — e um voto da assinante 32276: «Se sobrar dinheiro seja para os Pobres da Conferência». Mais sobras do assinante 3900, de Lisboa: 500\$00. Vales de correio: 500\$00 da Rua das Hortas — Póvoa de Varzim; e 1.000\$00 da Rua Esperança do Candal «para o Soldado da Paz».

No Montepio Geral alguém depositou 7.500\$00 para ajuda «da Viúva que precisa de auxílio para colocar as portas e janelas na casa». Finalmente, o assinante 9790 manda «uma pequena gota» e uma invocação:

«Que todos aceitemos o convite para trabalhar na Vinha do Senhor, e aí permanecemos sempre em plena actividade, contribuindo com o nosso esforço e boa vontade. Deste modo teremos encontrado a Vida».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — O futebol, em nossa Casa, sofreu uma paragem devido à falta de equipas que nos queiram defrontar! Contudo, o nosso campo não deixa de ser palco de bons espectáculos, exibidos por várias equipas das redondezas, que aproveitam a nossa pausa para porem à prova o valor dos seus atletas, com vista ao torneio que se vai realizar em Paço de Sousa.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar às equipas interessadas em defrontar-nos que escrevam para

Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

CARIAS NOVAS — A juventude está cada vez mais a sentir a falta dos seus lares familiares, devido aos problemas que presentemente abalam a Humanidade, e que fazem com que muitas famílias se destruam, lançando para a miséria, muitas vezes, os menos culpados. Todos estes problemas nós sentimos e lamentamos, pois sabemos bem que se a nossa Obra não existisse, o que seria de todos nós e doutros que presentemente sentem o que é a falta de um lar?!

Tudo isto leva a que pedidos de entrada para a nossa Casa se registem todos os dias. O que havemos de fazer?! As nossas Casas estão superlotadas. Há pouco tempo chegaram, para se juntar à nossa família, mais alguns que traziam em seus rostos o peso de tudo: o abandono e a falta da família...

Que será de toda esta juventude?! Que serão os homens de amanhã?!

«PAI» DAS AVES — O nosso Barros é um rapaz muito dado aos animais.

Ele é serralheiro, de profissão; trabalho em si muito cansativo, como qualquer outro. Mas tem a sua profissão. Fora do trabalho, a sua grande preocupação é, realmente, os animais que trata com carinho. Tem muito gosto em os ver felizes!

Assim como ele, também os pais deviam preocupar-se com os seus filhos...!

Um abraço para todos os que assim procedem.

Carlos Alberto

MIRANDA DO CORVO

A NOSSA CASA — Fica situada um pouco ao lado da vila de Miranda do Corvo e está rodeada de montanhas que lhe dão aquele ar puro e fresco. Um domingo, após a celebração eucarística, detive-me a contemplá-las e a reflectir sobre aquilo a que a Natureza me dá por direito, chegando à conclusão de que é necessário encontrar o valor real das coisas para aceitá-las como belas.

A nossa Casa é bela, pois lá não se ouve o barulho citadino nem o ar nos parece cerrado e poluído.

Os novos que chegam, vão perdendo a sua palidez e vão ganhando o carácter são da vida campestre. O ar das serras vai-os fortalecendo e a pouco e pouco eles aprendem a sorrir tal como todos os outros.

Indignou-me um pouco ver alguns pinhais destruídos pelos incêndios dos Verões passados.

Também a montanha da vida corre o risco de ser incendiada se não se souber parar o fogo a tempo, mas às vezes também são necessárias pequenas fogueiras, para não se cair em fogueiras maiores...

AGRICULTURA — Este ano ainda não começámos com uma emprei-

tada maior; apenas semeámos nabos que irão servir para enriquecer a nossa sopa com feijões, batatas e couves. Que pena muita gente não ter também uma horta onde cultive estes indispensáveis produtos hortícolas para saborearem o fruto do verdadeiro contacto com a mãe Natureza.

ESCOLA — Como em todos os lados, a nossa Escola também já começou. Quase todos os pequenos andam na Escola, excluindo aqueles que ainda não têm a idade. Os mais novos, cá na Casa, também iniciaram ou continuaram a Escola em nossa Casa.

Que eles saibam aproveitar aquilo que muitos não têm e que tirem bom aproveitamento das aulas.

INVERNO — No nosso País, o Inverno não tem sido muito chuvoso; é lógico que, em nossa Casa, a situação seja a mesma que noutros locais e, por isso, também sentimos a falta de chuva para as nossas culturas. Peçamos a Deus que nos ajude e que nos dê a chuva que tanta falta nos faz.

Chiquito-Zé

Lar de Coimbra

APROVEITAMENTO ESCOLAR — Também no nosso Lar as aulas já começaram para todos. Alguns não tiveram boas notas no período passado, mas prometeram a si mesmos melhorá-las e não desanimar pelas más notas anteriores.

Que Deus os ajude naquilo a que eles se auto-propuseram e que as notas no fim do 2.º período correspondam ao seu esforço e ambição.

CARLITOS — O Carlitos foi nosso durante muitos anos. Veio para cá pequenino (tinha dois anos), cá se criou, fez seus amigos, sonhou muitas coisas que os seus pequenos conhecimentos de criança lhe permitiram sonhar; cá fez a Escola e começou o Ensino Liceal. Ele não conhecia outro lar senão este; a sua família era a nossa, os seus irmãos somos nós.

Há dias, deixou-nos; também o lugar de chefe para que fora eleito e os estudos que já iam no 11.º ano de escolaridade. Muito nos custou ver partir mais um dos nossos!

Desejamos que ponha em primeiro lugar a educação que cá recebeu.

O NOSSO JORNAL — Como é do conhecimento do leitor, o nosso jornal também foi atingido pela inflação! Daí a subida de preço para 7\$50 cada exemplar. Apesar disso, nós, os vendedores do Jornal, continuamos a ser recebidos com o mesmo carinho e afecto.

Agradecemos a boa compreensão de todos.

Chiquito-Zé

PRESENÇA

Cont. da 1.ª página

dos homens se amarem mutuamente: «Nisto conhecemos a Caridade: Jesus deu a vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos nossos Irmãos». E «O Seu Mandamento é este: Que creiamos no Nome de Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros». E, ainda, «se Deus nos amou assim, também nos devemos amar uns aos outros».

Eis a Caridade, a virtude maior, a única de substância eterna, que no tempo será verdadeira, viva e fonte de Vida, somente se o amor que dela emana for a resultante das duas componentes.

S. Paulo, na 1.ª Epístola aos Coríntios, desafiando o homem a esclarecer o mistério da Caridade, contrapõe-na a prerrogativas do espírito que supõem em alto grau o dom de Deus e sugerem uma profunda intimidade com Ele: «Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos Anjos...; que tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência...; que tenha a plenitude da Fé, a ponto de transportar montanhas...; que reparta por inteiro os meus haveres e entregue o meu corpo para ser queimado... — se não tiver Caridade, de nada me aproveita».

Como é possível conciliar a presença de tais dons com a hipótese de ausência da Caridade?! O nosso espírito estre-

mece e, imediatamente, repugna tal possibilidade! Mas o Espírito que inspirou o Apóstolo, decerto não permitiria que ele se espalhasse em abstrações diletantes em tema tão importante para a Vida dos homens («Se não tiver Caridade, de nada me aproveita») se a hipótese não fosse possível de realização concreta. O que nos induz a pensar que a ausência de Caridade seria, neste caso de tão íntimo relacionamento com Deus, justamente a falta da dimensão horizontal. Tanto mais que o Apóstolo, para dar uma definição descritiva da Caridade, logo acrescenta as qualidades que enformam a Virtude, qualidades que todas elas têm o homem como referência e abrangem tudo que no homem é da esfera da emoção e da paixão, onde a sensibilidade impera: «A Caridade é paciente, benigna, não invejosa; não é vaidosa nem soberba nem inconveniente; não é interesseira nem irritável nem rancorosa; não se alegra com a injustiça, mas sim com o triunfo da verdade; tudo desculpa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta». «A Caridade é o caminho de perfeição que ultrapassa tudo».

Eis o que o Apóstolo quis mostrar, sem, todavia, negar a grandeza dos carismas de que tão amplamente escrevera e acerca dos quais exorta os destinatários da sua Carta (nós, também): «Aspirai, com

ardor, aos dons espirituais mais elevados». É que só a Caridade continua do Tempo para a Eternidade, o que é fundamental para a Salvação.

A Caridade, assim como nos foi revelada, é a condição a pôr pelos homens para que verdadeiramente possam dizer-se reunidos em Nome do Senhor, a condição válida para Ele Se tornar presente no meio dos homens.

Aqui, também, o princípio da continuidade: Re-união tem por raiz união, de que só a Caridade é seiva e garantia. E em Cristo, com Cristo, por Cristo, toda a reunião é um reforço da união.

Assim deviam ser todas as reuniões dos homens em Nome do Senhor, a maior das quais é a Eucaristia. Logo no início, à saudação do celebrante, responde a assembleia: «Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo». Depois, antes do Evangelho, ao voto do sacerdote, «o Senhor esteja convosco», o povo afirma que sim: «Ele está no meio de nós». Eis o dom ao nosso alcance, de que urge crescer em consciência e assumir toda a responsabilidade que nos cabe para a sua consumação.

Se assim for; se esta palavra do Povo que crê, ecoar na alma de cada um como apelo

Retalhos de vida

«Periquito»



Sou António José de Oliveira. O meu apelido é «Periquito». E nasci no dia 9 de Janeiro de 1969 em Vila Nova de Souto de El-Rei (Lamego).

O meu pai faleceu quando eu andava no ventre da minha mãe. Depois, ela não tinha possibilidades de me criar e, então, fui para o Lar Operário, de Lamego, onde estive cerca de dois anos. E como lá fiz umas desobediências, trouxeram-me para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa. Estou, aqui, muito feliz.

Nos primeiros tempos da minha estadia em Paço de Sousa, custou-me cá estar. Depois, não. Comecei a gostar da nossa Aldeia, porque vejo que, aqui, nos podemos fazer homens e, também, podemos escolher uma arte para o nosso futuro.

Frequento o primeiro ano da Telescola. Tenho esperanças de estudar mais. E, depois, começar a aprender a bela arte de carpinteiro.

Fora das horas da Escola trabalho no grupo da lenha. Somos nós que limpamos toda a nossa Aldeia!

Os leitores recebam um grande abraço do

António José de Oliveira («Periquito»)

exigativo do adensamento da Caridade entre todos — que poderoso polo de atracção se constituem os homens reunidos em Nome do Senhor! Se assim for, temos um regresso ao «vede como eles se amam», ao tempo das primeiras gerações de cristãos, com toda a força sedutora de Cristo invisível

mas presente; o qual «vede...» tornará a ser como foi, o argumento de tantas conversações, o motivo de reunião de tantos à comunidade dos crentes igual a comunidade de amor fraterno, sem mentira ao Espírito Santo, que os menti-

Cont. na 4.ª página

Do que nós necessitamos

«Migalhas nas alminhas do Pai do Céu em Vila Pouca, Pias (Cinfães), somaram 5.265\$. Coimbra, 7.500\$. Campo Alegre, 300\$. Rua da Constituição, cheque de 20 contos. 5.000\$ de algures. 10.000\$ de anónima. 6.000\$ da Av. Estados Unidos da América. Amoreira da Gândara, recados do nosso padre Abraão e 5.280\$. Évora, cheque de 10 contos. 1.000\$ de Santo Tirso. 1.500\$ de Braga. 5.000\$ de Maria Filomena. 4.000\$, de Braga, «fruto do meu trabalho extraordinário». 1.900\$ de um grupo de Mafamude (Gaia). 1.000\$ de Rio Tinto. 450\$ da Paróquia da Capela. 3.000\$ de Lourosa. 600\$ de anónimo. Dinheiro encontrado no consultório do Dr. Amadeu Campos Costa: 5.000\$. 1.000\$ de uma mãe agradecida. Anónimo, de Águeda, cheque de 10.000\$.

500\$ de Gondomar. 3.000\$ do Porto. Amigo, de Ermesinde, 10.000\$ e mais 2.500\$ de aumento duma renda. 500\$ de Belmonte. Vários artigos da Fábrica de Malhas Silvares. 5.000\$ de Bombarral. 1.000\$ da Av. Miguel Bombarda. «Uma Quitéria por alma de outra Quitéria», 500\$. Anónimo de Vilarinho (Santo Tirso), che-

que de 20.000\$. Por graças recebidas, 5.000\$ de J. M. G. M. 1.000\$ em cumprimento de promessas. 100\$ de Espinho. Lençóis de Albarç de Abreu Coelho Lima. 1.000\$ e vestuário, de Aveiro. Mais 1.000\$ de «uma mãe anónima». Ass. 4931. 2.500\$. Por alma de Maria Isabel, 1.000\$. Com um beijinho de Boas-Festas, 500\$ de Sandra e Vasco Campos.

Barreiro, cheque de 10.000\$. 1.000\$ da Rua Infanta D. Maria. 3.000\$ de Maria Antónia. 6.200\$ de Ana Maria. 1.000\$ de Braga. «Mãe agradecida», de Matosinhos, 500\$ por alma de seu filho Rogério. 4.000\$ de uma promessa. 5.000\$ de Maria Odete. Mais 500\$ da capital. 1.000\$ de Montemor-o-Novo. Cheque de 10.000\$. 5.000\$ de Santarém. Uma anónima, por alma de um ente querido, 500\$. Duas recolhas no mealhinho do busto de Pai Américo, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, somaram 19.500\$ e 15.300\$, respectivamente. Ilhavo, cheque de 20.000\$. 1.200\$ de Coimbra. 100\$ de Lisboa. E mais um cheque de 10.000\$, de engenheiro amigo.

Manuel Pinto

Cont. da 1.ª página

Os da Portucel, de Setúbal, distanciam-se de todos com a bonita quantia de 55.000\$00. Seguiram-se-lhe os da Secil com 21.730\$00 e os da Inapa com 20.803\$50.

Os do Centro Regional de Segurança Social vieram com mercearia, bolos e boroinhas e 10.605\$00. Os da Junta Autónoma do Porto de Setúbal mandaram 4.595\$00 e os do Centro de Distribuição da E. D. P., de Setúbal, 2.800\$00.

Os trabalhadores da Lisnave nunca nos esquecem e, este ano, sofrendo as consequências da crise económica, enviaram para cada rapaz uma mimosa merenda com sumos, tabletes e bombons. As empregadas da Socar, da Quinta do Anjo, partilham a generosidade dos seus patrões e fazem-nos um bolo cada uma.

O grupo de Pessoal da Mecânica Setubalense trouxe 3.000\$00; e um grupo de Amigos da Sapec, 14.090\$00. Pela primeira vez os trabalhadores da Internacional Vinhos, de Azeitão, enviaram um cheque de dez contos; e os da Pousada do Castelo de Palmela, 9.200\$00.

Os empregados do B. N. U., de Setúbal, fazem colecta mensal, sem se cansarem, e depositam na nossa conta bancária. As comunidades paroquiais da área pobre sacrificaram-se e entregaram-nos: 24.840\$00 de Marateca; 6.970\$00 das Praias

Setúbal

do Sado; 4.415\$00 do Faralhão; 20.150\$00 do Seixal; e 33.088\$50 da capela da Quinta das Torres de Azeitão.

Dois Amigos, da Velha Guarda, desobrigaram-se com 50 contos cada um e a mesma quantia nos chega do Clube das Senhoras Escandinavas, de Lisboa.

Vinte mil escudos de quatro procedências bem distintas, mas todas marcadas por sinais sérios de fé, sacrifício e amizade.

Uma promessa para a ceia de Natal em cheque — dez mil escudos — e a mesma importância dum Amigo de sempre, com o seu abraço e uma prenda da esposa; da Lucília da Parede, da Quinta do Anjo, das Cabanas, várias vezes; de Almada e do Colégio do Amor de Deus, de Cascais.

Metade da primeira reforma anual da Maria de Óbidos, que a outra metade foi para Paço de Sousa: 27 contos. Ficou-me na alma o reflexo do olhar daquela mulher que na vida só tem sabido servir!...

Cinco mil escudos de um casal amigo de Miramar e o mesmo de várias viúvas e amigos de Setúbal, Lisboa, Avanca e Sines. Uma Empresa setubalense enviou cheque do mesmo valor; e outra, 2.500\$00.

Uma doente, parafítica há muitos anos, pôs em minhas mãos três mil escudos. Remeteram a mesma importância: Liliãna; a Mesa da Misericórdia; o grupo Fraternidade Pai Nosso, do Pinhal Novo; o Alberto João, de Almada; a Maria Alda; o Rui, de Setúbal; uma enfermeira; e o Eng. Luís Virgílio, de Lisboa.

Um casal de médicos — sempre prontos para nós — como sempre, veio acarinhar-nos com 25 contos.

As senhoras que nos consertam a roupa ao longo dos anos, à 2.ª e à 5.ª feira, vibram connosco neste período: Uma repartiu uma dívida e deu-me 25 contos; outra veio de longe matar saudades e trouxe de uma vez cinco e de outra oito contos. As mais humildes partilham não só o seu sacrificado e persistente trabalho, mas todas trazem das amigas e conhecidas e de si próprias: roupas, mimos e dinheiro.

Cheques e vales do correio chegaram todos os dias, aos cem, duzentos, trezentos, quinhentos, mil, mil e quinhentos, e dois mil escudos, trazendo-nos de toda a parte o bafo carinhoso de Deus que age no interior de cada crente.

Padre Acílio

Terminávamos o escrito de há quize dias dizendo: «É caso para perguntar se, neste Mundo de contradições, onde tanto se fala de trabalhadores e tão pouco se faz, não haverá gente disposta a pôr a carga e a puxar o carro do serviço do Próximo». É que, como facilmente se apercebe, as necessidades são cada vez maiores e os «pelicanos» não aparecem, mesmo que, quanto mais não fosse, para refrescar os quadros, pois alargar a nossa acção nem sequer é bom pensar nisso.

Recusamo-nos a acreditar que o Espírito não sofre e, portanto, não haja chamadas a quem confiar as missões mais diversas servindo em todos os quadrantes, nomeadamente na prática das obras de misericórdia corporais e espirituais, como o Nazareno ensinou e muitos dos nossos antepassados, na linha do Mestre, realizaram de maneira abnegada. Simplesmente, como se narra no Evangelho, as pessoas arranjam as motivações mais dispare para se furtarem ao chamamento, acabando, muitas vezes, por se arrastarem numa existência sem sentido e frustrada, no maior dos vazios. De facto, é mais fácil vegetar do que viver.

Onde estão os jovens dispostos a comprometer a sua vida na tarefa apaixonante de amar os Irmãos por amor do Alto?

NOTAS da QUINZENA

● Na pequena haste brotou uma flor silvestre. Sua mãe morreu. A avó é cega. Os tios repeliram-no. Os dedos da sociedade esmagaram a flor. Ficou haste com espinhos e agressiva.

A teoria dos compêndios não resulta. Difícil o rebento, um botão e outra flor...

Só o amor de mãe — traduzido na companhia quotidiana, em compreensão e ternura.

Há dias faltou ao respeito às senhoras. Falei-lhe com carinho na sua mãe. Foi a pedra de toque. Ficou muito triste... de olhar num vazio profundo. E disse-me, mesmo ali, que iria pedir perdão.

O amor e a recordação da mãe!

Está na raiz — lá no fundo.

● Um dia mostrei numa Escola de crianças alguns filmes: sementes a germinarem; plantas a crescerem; a lição das abelhas; os animais na selva. Só consegui palmas e gritos de alegria quando viram a luta mortal entre dois macacos.

Bem conhecedoras, as grandes empresas de filmes exploram a violência até ao fundo. Um disco é lançado no mercado rebentando tudo, as próprias estrelas! Até para o reclame duma insignificante pasta de dentes há copos e pratos partidos. No subconsciente são plantadas, todos os dias, imagens de barulhos, destruições e mortes.

AQUI, LISBOA!

«Se primeiro não se dá de comer a quem tem fome, não acreditam nas nossas palavras e até deturpam as nossas intenções. O Evangelho entra pelo estômago.» (Pai Américo)

Aí!, se conhecessem, como é bela e portadora de felicidade, dando o salto, entregar-se-iam de alma e coração ao serviço dos mais desprotegidos! Sim que, como dizia Pai Américo, «nunca faltou nada no mundo àqueles que por amor de Deus tudo deixam, sem cuidar no que hão-de comer nem do que hão-de vestir, para que os Outros tenham que comer e que vestir».

Hoje, como nunca, fala-se muito e de cátedra, emitindo sentenças lapidares. Homens iluminados ou convencidos que o são, descortinam-se por todos os cantos, lançando opiniões sobre tudo e criticando, até, aqueles que vão fazendo alguma coisa de útil. É caso para lhes perguntarmos onde estão as suas obras ou os frutos da sua loquacidade. No pedestal da sua ignorância, atrevida por inerência, vão pontificando, medfocres e refastelados no seu egoísmo e na sua pseudo-importância. Não são pessoas mas apenas robots, ao sabor das modas e dos caprichos mundanos, que repetem slo-

gans e apenas vêem os seus próprios umbigos.

O compromisso da Igreja com os pobres e os marginalizados é de exigência evangélica. Diríamos melhor que tudo o que diz respeito ao homem o é, mas, na Boa-Nova, tem particular acerto esse tipo de preocupações. De resto, desde o doce Rabi de Nazaré aos Apóstolos, essa prioridade é nítida. Ainda na época Apostólica surgiam os Diáconos e, sucessivamente, através dos séculos, abarcando problemáticas sempre novas, surgiram instituições ou iniciativas den-

DOCTRINA

● Ninguém mais do que nós gosta de ver avenidas, jardins e palácios; mas tudo é fachada de mentira se por detrás de tudo isso se não levanta igualmente a sorte dos que não têm casa nem pão.

Pedimos humildemente, de joelhos no chão e mãos postas, uma visita pessoal... dos grandes da terra — que têm na mão os destinos da cidade. Não aleguem falta de coragem para ver misérias, que isso é cobardia. Não é fugindo ao mal que as coisas se remedeiam. Nas linhas de fogo é que se provam os homens de valor. A descida dos grandes aos pequeninos é obra que Deus abençoa.

● A gente topa por aí certos degraus de certas casas — escuros, muito estreitos, hirtos e desamparados — que vão dar a cubículos de telha vã, pelos quais dá os olhos da cara a pobre gente que ali habita. Ninhos de miséria, maravilhas de coragem, abnegações de quem lá mora.

Cai bem o Sermão da Montanha nestas multidões sem nome e ouvem-se ali gemidos que são verdadeiros actos de fé.

● Que ninguém se iluda nem faça bem aos homens somente por amor deles, por que depressa desanima. Não! Havemos de seguir as pisadas do Mestre, se quisermos fazer obra de resistência.

Não é verdade que foram dez os leprosos curados e apenas um veio agradecer a cura?

Os homens são sempre os mesmos... E o Mestre, também! Os episódios do Evangelho são a Vida da nossa vida.

P. Américo

Padre Telmo

tro da Igreja para acudir aos mais fracos. Será que nos nossos tempos tal não será preciso?

Está cá há pouco mais de um mês e nasceu sem pai. Tem apenas nove anos. Há dias, ao falar-se na fome que grassa pelo Mundo, botou sentença e disse: «Há tanta gente com fome e nós, cá, fartos e atestados!». Que outra coisa quis dizer senão que o Evangelho entra pelo estômago? «Fartos e atestados», que melhor desejaríamos como ponto de partida para o nosso trabalho em favor dos Rapazes? Sim, mas não é só isso, que é apenas o ponto de partida para uma promoção integral dos que aqui chegam. Tudo supõe, portanto, muito trabalho, muita perseverança e toda a dedicação. Mesmo quando surgem as incompreensões dos a quem servimos — que tal «é o sal», como Pai Américo nos legou — vale sempre a pena o bem fei-

to. Que alguns ouvissem o chamamento que lhes é feito e às perguntas «Quem hei-de enviar? Quem irá em vez de nós?», da liturgia do dia em que escrevemos, soubessem retorquir como Isaias, firme e decisivamente: «Eis-me aqui; podeis enviar-me». Assim, deste modo, muitos teriam uma mão estendida que se lhes teima recusar.

Como escrevemos na outra quinzena, não será por falta de quintas ou de outros bens materiais que a nossa acção será limitada. O que nos falta é gente — sacerdotes e leigos de ambos os sexos — para podermos manter ou expandir a acção da Obra. Gente, entenda-se, com garra e despreendimento, embora com as limitações próprias da sua natureza, como é óbvio. Gente corajosa, incondicional, dedicada e perseverante para servir sem preço. Palavrosos ou sentenciosos não são necessários, que de palavras ou sentenças todos sabemos mais ou menos e de tal está este pobre Mundo cheio.

Padre Lutz

Partilhando

Um dia qualquer estava a escrever, sem alegria. Mesmo triste! Vem-me chamar para atender uns senhores, na Capela, onde estavam a rezar. Saímos e afirma um deles, aquele Amigo que, todos os dias e a todas as refeições, nos dá, de sobremesa, a deliciosa fruta: «Pela viagem vim a pensar em tudo o que está a acontecer... Não vejo nada claro... Tudo tão sombrio!» — referindo-se à actual conjuntura; ao futuro ameaçado, e sem esperança, para as gerações presentes e futuras; ao mundo corrompido pelos homens com obrigações sociais... Enfim, a tudo aquilo que não deixa dar nem mais pão nem mais dignidade humana.

Estava triste — mais triste fiquei! A nossa terra, as pessoas que nela vivem e trabalham merecem-nos um respeito tão grande! As palavras com que as distinguem — e até as distanciam da pequenez e atrasos sociais — são tão incoerentes, tão diferentes dos actos que as acompanham! Porquê?! Será que a mentira — destrutiva, desmotivadora — é mais construtiva e motivadora do que a verdade?...

No largo da casa-mãe, junto ao cruzeiro, conversámos calmamente. Atrás de nós, é a cruz grande, de pedra. A nossa frente, uma paisagem sempre bonita...! Os mais pequeninos, aos pares, com as

padiolas, levam carradinhas de folhas já curtidas até aos regos do pomar, para alimento das árvores de fruto.

O dia está cinzento e frio. Mas aquele bocadinho, ali, aquece e alegra-nos. E o nosso Amigo despede-se: — Vê?! Já vou mais contente!...

Se aos nossos mais pequeninos vier amanhã a faltar o pão, eles podem pedir-nos contas. Hoje, ganham já direito ao seu futuro, trabalhando o pão com dignidade — mesmo a brincar...! E nós?... Também?...

Padre Moura

PRESENÇA

Cont. da 3.ª página

rosos, esses caíam prostrados pelo seu engano aos pés dos Apóstolos.

Que brote da nossa inteligência e enraíze nos nossos corações a prece que a Mãe Igreja nos propõe esta semana quarta do «tempo comum»: «Concedei-nos, Senhor nosso Deus, que Vos veneremos de toda a nossa alma e amemos todos os homens com um afecto racional».

E a nossa bemaventurança, agora e para sempre, resulte conforme a uma antifona destes dias: «Se sabeis isto, sereis felizes se o fizerdes».

Padre Carlos



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa